

Intensificação no Português Falado¹

Brian Galdino da Silva

Flávio Fabrício Ferreira de Souza

Wallace Costa de Andrade²

Resumo

O âmbito da comunicação oral usufrui de múltiplas ferramentas às quais não são possíveis no texto escrito. É sabido que a língua portuguesa dispõe de uma grande variedade de intensificadores lexicais. Conjuntamente com a óptica do Funcionalismo, o estudo versará sobre elementos textuais (ou léxicos) e extra-textuais para a constatação do fenômeno de intensificação na comunicação oral. Através das instruções predicadas pelo Projeto Norma Urbana Culta (NURC), foi gravado e transcrito uma conversação com um falante culto (conforme características do Projeto NURC) e analisado o comportamento do falante dentro do fenômeno estudado. Didaticamente agrupadas, observou-se que a intensificação ocorre em categorias, nas quais, exceto a textual (ou lexical), há recursos diversos, como a repetição, a silabação e a entoação, que podem também agir como intensificadores conversacionais.

Palavras-chave: *Intensificação; Intensificadores; Comunicação Oral; NURC; Funcionalismo*

1. Introdução

O texto integral, do qual se fizeram os recortes necessários para este estudo trata-se de uma entrevista, de trinta e oito minutos e cinquenta e seis segundos, que alterna entre EF (elocução formal, inicialmente) e DID (diálogo entre informante e documentador, posteriormente).

¹ Este estudo foi realizado no segundo semestre de 2007, no período de agosto a novembro do ano citado.

² Os autores do artigo são graduandos do curso de Letras da Universidade de São Paulo. Todos eles cursam dupla habilitação. Brian Galdino cursa, além de Língua Portuguesa, Grego Antigo. Flávio Fabrício, além de Língua Portuguesa, cursa Francês. E, finalmente, Wallace Costa, Língua Portuguesa e Lingüística.

Para a entrevista, em um primeiro momento, buscamos a variação informal no discurso de R.G., professora universitária e pesquisadora da área de Humanas, 62 anos, solteira. Nesta transcrição a informante estará identificada como L1. A saber: os demais interlocutores que podem aparecer no trecho sob análise são: L2, L3 e L4, os documentadores, estudantes universitários de Letras (primeiro ano); L5, L6 e L7, pessoas que se encontravam no local da entrevista e fizeram parte da interação onde, L5: estudante universitário e aluno da informante; L6: auxiliar administrativo e funcionária da informante; e L7: aluno da pós-graduação orientado pela informante.

2. A transcrição

Na transcrição desta entrevista, além dos sinais convencionais utilizados no Projeto NURC/SP, optamos por acrescentar mais um sinal. Trata-se das barras verticais (| |) que designará uma entoação gradativa (ascendente no caso) da sentença no interior destas barras.

Apesar de ser um fato comum durante a fala e apesar da pouca ocorrência deste fato na nossa transcrição, temos um caso em que tal variação torna-se objeto de nosso estudo, por isso a necessidade de ressaltar tal uso.

3. Observações gerais

Mantém-se a maior parte das observações seguidas pelo Projeto NURC/SP, exceto a que rege o grifo de nomes estrangeiros comuns. Entendemos que estes nomes se encontram no léxico do falante assim como os nomes de sua própria língua, não havendo necessidade de destaque.

Os fáticos que indicam afirmação (un hun, uhn) não serão descritos nesta transcrição, uma vez que eles servem como mecanismos impulsores da conversação, que não se configura como objeto deste estudo.

4. A intensificação

A intensificação é um fenômeno associado à quantificação. Estudos de Pottier (1978, *apud* Lopes, 1992), tem-se a intensificação como “um conjunto de processos aplicáveis ao domínio sêmico do contínuo que permite aumentar, diminuir ou manter numa posição medial a intensidade de uma noção” e que “a intensificação é uma das fórmulas

quantitativas e por isso pertence à área da abrangência da quantificação”. Então, como distinguir um do outro?

Nessa mesma tese o autor guia para a diferenciação: “na intensificação temos a unicidade, enquanto que na quantificação, com exceção do numeral 1 (um) , temos a multiplicidade” (Lopes, 1992).

Desse ponto em diante o autor versa sobre elementos intensificadores de ordem gramatical ou lexical. Tal abordagem serve-nos como ponto de partida, justamente porque não se mostra auto-suficiente. Parafrazeando Ong (1982), um autor de um texto escrito não dispõe das ferramentas da oralidade para sua criação, então se vale de outras ferramentas para criar ao leitor os mesmo efeitos da oralidade. Por isso este estudo tem como objetivo pesquisar quais são as ferramentas da intensificação no português falado.

Mediante a análise do *corpus* encontramos alguns intensificadores que foram agrupados didaticamente em: lexicais (com subgrupos afixal [morfológico] e puramente lexicais), por repetição, por silabação, entonacionais e por prolongamento de sílaba.

Este estudo não tem como objetivo a criação de listas pré-concebidas de categorização dos elementos da língua falada nestas classes. Apenas visamos mostrar o comportamento lingüístico dos intensificadores.

4.1. Intensificadores lexicais

Neste caso iremos focalizar o estudo nos intensificadores lexicais e gramaticais dentro de um sistema de conversação. Tentaremos depreender através de análises como se comportam os intensificadores no texto em qual se baseia este estudo.

4.1.1 Intensificadores puramente lexicais

Começemos por estudar os intensificadores adjetivos por natureza, exemplificado a seguir:

L1: então eu fiquei na cidade de São Paulo os arquivos são bons as bibliotecas são boas... ah:: a documentação publicada é muito grande...

Nesse excerto, a informante propõe uma gradação para demonstrar as vantagens que se tem em estudar a história da cidade de São Paulo: “... os arquivos são bons...” para diferenciar arquivos mais modestos; “... as bibliotecas são boas...” idem; “... a

documentação publicada é muito grande...” para mostrar a variedade de artigos e documentos aos quais uma pessoa que se interesse pode recorrer. Usando de adjetivos simples que possuem em seu significado algo que entendamos como intensificadores, podemos depreender em seu discurso a diferença de se estudar a história da cidade de São Paulo e outra cidade que não possua esse suporte.

Ainda para demonstrar a gradação dos adjetivos:

- L5: e é tão bonito né?
 L1: o clube é... é um clube:: clube simpático
 L5: L clube simpático
 L1: é uma região operária

Neste exemplo vemos o grau onde se encontra cada adjetivo no ponto de vista dos falantes, opõe simpático a bonito. Dando a entender que bonito está em um grau maior que simpático. Se parafrasearmos o texto ficaria assim:

“– e é tão bonito.

– não, não é bonito é um clube apenas simpático, por se encontrar em um bairro operário “.

Que não chega a ser algo que se encontre no rol das coisas negativas, mas simpático aqui equivale a modesto. Bonito seria algo mais glamuroso.

Assim notamos os graus dos intensificadores adjetivos.

Há casos onde o substantivo pode agir como intensificadores, é o caso em:

- L1: o MÁximo de LAzer dos adolescente era::... cinema ...

Máximo que por categorização gramática é um adjetivo, aqui é usado como substantivo para descrever a diversão adolescente na juventude da informante.

Neste exemplo máximo que é um superlativo absoluto intensifica a falta de lazer da época e não o lazer em si.

Podem-se usar metáforas como identificadores como a seguir:

L5: por exemplo... vocês não tem curiosidade de saber o bairro que (a professora) nasceu?

L1: ((rindo)) você é um monstro ((risos)) () eu sou do Ipiranga ...
(destaque nosso)

L1: eu não acho que eu tenho fama ... com os alunos daqui é de monstro ambulante espero... que é Ótimo ((risos)) ... monstro ambulante nunca tem muitos alunos não é? ... uma coisa boa ... eu não tenho fama.
(destaque nosso)

A informante usa em dois casos metaforicamente e aditivamente o signo monstro como equivalente de uma pessoa detestável; com o uso desse signo. A informante intensifica o status de seu interlocutor no primeiro exemplo e de si mesma no exemplo seguinte como algum sem méritos, claro que dentro do caso conversacional.

4.1.2. Intensificadores lexicais morfológicos

Dentro do estudo léxico podemos olhar para dentro desta interlocução a procura de casos de sufixação que possuem caráter aumentativo ou diminutivo.

Nos exemplos a seguir notamos o uso de sufixos diminutivos.

L1: não... a cada quarteirão um condomínio ... porque eram fabricadas de quarteirão não é?... e::: cada quarteirão da um condomínio ... o clube ficou estrangulado né ? ... O clube ficou se sem possibilidade de expansão... a avenida :: cortou de um lado avenida cortou de outro e o clube ficou estranguladinho

(destaque nosso)

L1: é um/ é um bairro:: um bairro quadrado... é um bairro e:: era um bairro industrial e operário...

(destaque nosso)

Com o diminutivo no primeiro exemplo, a informante tenta atingir o que os gregos chamam *páthos*. No decorrer de sua elocução há uma gradação de atos até o termino: “e o

explica, rindo: “((rindo)) Uma coisa bem (próxima)” e reitera a sentença: “ah... eu não tinha ((tosse)) condições de viajar...”. L1 repete ainda mais uma vez a sentença agora trocando “tinha” por “havia” e acrescentando o intensificador “realmente”, confirmando o caráter estilístico da repetição, como para dar um novo sentido, que não o irônico à frase: “não, é que não havia realmente condições de viajar”.

Em outro trecho L1 discorre sobre uma possível divisão no departamento de Filosofia:

L1: eu acho que é uma unidade muito grande... muito grande... portanto ela tem muitos problemas... embora eu não sei se ah:: dividindo os problemas não se multiplicam... né?... porque:: ela é... ela é muito grande muito variada... e ela é muito complicada... é uma unidade complicada... ela é uma unidade complicada pela sua própria multiplicidade de:: campos de pesquisa...

Em “é uma unidade muito grande... muito grande...” vemos um processo estilístico, que parece ser consensual nas gramáticas tradicionais, de que a repetição tem como função a superlativização da palavra, e em nosso caso, da frase. É como se a frase “muito grande” que é falada na primeira vez não conseguisse expressar a dimensão da tal “unidade” sendo necessária a repetição para intensificar essa dimensão.

O mesmo ocorre em: “e ela é muito complicada... é uma unidade complicada... ela é uma unidade complicada pela sua própria multiplicidade de:: campos de pesquisa (...)”. Porém aqui fica mais clara a função da repetição como um recurso estilístico, comprovaremos essa idéia se elidirmos as repetições e pausas, onde a frase ficaria: “e ela é uma unidade muito complicada pela sua própria multiplicidade de campos de pesquisa”. Percebemos nesse caso que o objetivo da sentença é alcançado: explicar porque o departamento de Filosofia é uma unidade complicada, porém perderíamos o efeito enfático e estilístico da repetição, mesmo com o uso do intensificador por excelência: “muito”, percebemos que a frase perde o tom de gravidade dado pela repetição.

4.3. Intensificação por Silabação

A silabação expressa estados de espírito do falante sobre um assunto, um tema ou um referente, decorre, sobretudo, da pausa entre as sílabas do item superlativizado. Os índices de duração e intensidade são relativamente iguais para todas as sílabas, criando,

assim, um ritmo específico. Nesse exemplo, a palavra derivada tem suas sílabas literalmente escandidas:

L1: ah:: bom a/ as turmas eram separadas meninos e meninas e eu fiz clássico...
só havia UM menino no clássico... to-do... clássico era o curso das meninas

Com a esse recurso, a informante expressa um sentimento de surpresa ao fato de haver apenas um menino no curso de Clássicos. A ênfase cai sobre a palavra “todo”, que por si só, já conseguiria exprimir a idéia de total, inteiro, porém, ao ser silabada a palavra ganha novo contexto, e seu significado ultrapassa os limites comuns tal como vemos no dicionário, ela torna-se absoluta, colocando a palavra em seu grau máximo na escala gradativa, linguisticamente falando.

“O certo é que nós dizemos além daquilo que expressamos em nossos enunciados, razão pela qual o sentido do nosso discurso só é captado quando o destinatário compreende o sentido daquilo que estamos querendo dizer, isto é, quando o destinatário apreende as nossas intenções” (Lopes, 1992: 19).

L3: a senhora terminou a faculdade de história

L1: não... eu terminei a ((batendo com o indicador na mesa para cada palavra pronunciada)) Faculdade de Filosofia Ciências e Letras

Nesse outro caso vemos um mesmo processo de intensificação, porém agora não são as sílabas que são marcadas, mas sim as palavras.

Ao ser indagada sobre seus conhecimentos acadêmicos, L1 nega ter terminado a faculdade de história (apenas) e explica que terminou “a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras”. O ato de bater o indicador na mesa para cada palavra pronunciada é o que na escrita procura-se representar por meio de sinais gráficos, tais como o ponto de exclamação (!), chamados de “acentos de insistência”; mas “como a melodia das exclamações apresenta muitas variedades, o seu valor só pode ser depreendido do contexto” (Cunha, 1985: 638).

L1 bate o indicador na mesa como se quisesse por meio desse gesto fixar cada palavra na mesa isso pode ser interpretado como uma representação visual da fixação das idéias das palavras nas mentes dos ouvintes. Mesmo usando esse recurso, percebe-se que

apenas o uso das pausas, sem o gesto, já seria suficiente para marcar a intensidade de cada palavra que a informante queria transmitir.

4.4. Intensificadores entonacionais

A entoação é um fenômeno prosódico do qual se pode lhe atribuir diversas significações: Mata, 1992 expõe a ligação mais facilmente perceptível entre entoação e interrogação; Lapa, 1975 aborda diversas possibilidades de interpretação da entoação.

Baseando-se na definição de Lopes, 1992 sobre o que é intensificação, podemos também atribuir o valor semântico da intensificação na entoação.

L1: não é que o::: como ele é o museu de história não é?... ele é O museu de história da universidade ah::... normalmente o pessoal da história vai para a direção do museu

Lapa, 1975 relaciona o papel da entoação em artigos com o efeito superlativo. Tal efeito configura-se como grau e, conforme Lopes “o grau, lingüisticamente falando, seria um taxema que tem por função básica informar (...) a variação em intensidade e dimensão” (Lopes, 1992: 14-15). Partindo desse pressuposto, não podemos atribuir o sentido dimensional do museu nesta oração. A um primeiro momento, podemos identificar a entoação como reforço da singularidade, parafraseando: ele é o único museu de história da universidade. Não estamos dizendo que não seja verdade, mas fica claro que, a informante nessa afirmação seja pela experiência na direção do museu seja pela realidade, ressalta a grandeza do museu.

L1: ... era uma cidade com:: elementos muito::... muito limiTA dos... o MÁximo de LAzer dos adolescentes era::... cinema... não é? você podia ir num cinema ah::: um BAile MUito de vez em QUANdo... mas era::...

L3: o almoço de domingo...

Nesta passagem, a entoação em limitados é auxiliar do intensificador ‘muito’. Nas passagens a seguir a informante demonstra o quão escassos eram as opções de entretenimento de sua infância e adolescência. Esta entoação atua como intensificador aos interlocutores preparando-os para um número baixo de possibilidades de lazer.

L4: mas essa:: renovação.. modinhas né... coisas que são modas coisas de internet:: orkut::

Youtube:: ꞑ isso

L1: ꞑ ah:: isso não dá tempo de ver isso leva muito tempo... né?... dá pra usar a internet para pesquisa pra:: correspondência:: pra atormentar alu::no... claro atormentar aluno é fundamental ((risos))... mas:: não dá pra ficar rodando isso daqui |precisa ter muito tem:::po|... vocês têm muito tempo eu não tenho...

Nesta passagem, o aspecto intensificador, não diferente dos demais, é semântico. Porém a sua diferenciação segue pelo fato de uma expressão inteira trazer consigo a significação de intensidade. Sendo assim, porque ela não se enquadra dentro da classe a que chamamos de lexical? Bom, cabe aqui dizer que as classes não têm limitações rígidas. Um elemento ou um fato lingüístico pode inserir-se dentro de variadas classes. Esclarecido isso, resta-nos saber então porque se trata de um intensificador entonacional.

O segmento entre barras fecha o período. Após enumerar as diversas atividades das quais a internet está disponível, a entoação ascendente frisa a indisponibilidade da informante e intensifica a relação da internet como local vasto e amplo a se descobrir do qual se demanda muito tempo.

Estes foram alguns dos exemplos nos quais podemos basear a relação da entoação com a intensificação. Diante da impossibilidade do contato com um aparato mais técnico, não podemos mensurar o quanto varia a entonação nestes e em outros casos, por isso, os escolhidos foram os mais perceptíveis aos ouvidos.

4.5. Intensificação por prolongamento de sílaba

Apesar de não ocorrer aparentemente neste *corpus* (ressaltando mais uma vez que recursos prosódicos podem ser mensurados, mas não dispomos desta tecnologia), devemos ressaltar a existência desta modalidade. O prolongamento de sílaba é um fenômeno prosódico do qual tanto podemos inferir um resgate filogenético da origem do português (neste caso, pois nosso idioma vem de uma matriz que diferenciava vogais breves e longas) ou atribuir-lhe características semânticas e, por isso, sua interpretação dependerá, assim como a entoação do contexto lingüístico ao qual se aplica.

5. Considerações finais

Fizemos aqui um estudo sucinto sobre intensificadores conversacionais. Intensificadores que estabelecem uma relação com uma base (modificado) e um diferenciador (modificador).

Como dito anteriormente, o aspecto intensificador é puramente semântico. Na análise de Lopes, 1992 temos, majoritariamente, a abordagem da intensificação lexical devido ao campo restrito da escrita, no qual sua tese é embasada. Trazidas à oralidade, esta intensificação pode ocorrer de diversas formas. Neste estudo partimos do recurso mais próximo à escrita e caminhamos ao mais próximo à oralidade. Um autor de um texto escrito, ao utilizar qualquer fenômeno prosódico, dispõe de recursos gráficos (tais quais utilizados nas transcrições do padrão NURC/SP), mas que restringiriam sua compreensão a um pequeno grupo. Tais fenômenos prosódicos são compreensíveis a todos os falantes da língua, mas ainda vivemos na ditadura da gramática normativa do texto escrito e do padrão de escrita.

Esperamos que, assim como a tese de Lopes, 1992 serviu-nos de base, que esta pesquisa possa servir a futuras outras pesquisas.

Referências Bibliográficas

CUNHA, C. e CINTRA, L. F. L. – *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

LAPA, M. R. – *Estilística da língua portuguesa*. Lisboa: Coimbra, 1975 (8ª ed.)

LOPES, C. A. G. – *A intensificação no português: O intensificador e sua expressão*. São Paulo: Dissertação de mestrado, 1992.

MATA, A. I. – “A questão da entoação na interrogação do português. ‘Isso é uma pergunta?’”, in: *Estudos em Prosódia*. Lisboa: Colibri, 1992.

ONG, W. J. – *Oralidade e cultura escrita: A tecnologização da palavra*. Campinas: Papyrus, 1998 (tradução de DOBRANSZKY, E. A.).

PRETI, D. (org.) – *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas, 1993.